Niterói, Universidade Federal Fluminense
ISSN 15177793 / 26748126 (eletrônico)
GEOgraphia, vol: 28, n. 60, 2026
DOI: 10.22409/GEOgraphia2026.v28i60.a65101

A MARCA DE BURLE MARX NA PAISAGEM CARIOCA: ATRIBUIÇÃO DE VALORES PATRIMONIAIS À PRAÇA SENADOR SALGADO FILHO/RJ

Alda de Azevedo Ferreira[1]
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Enviado em 22 out. 2024 | Aceito em 12 jun. 2025

Resumo: O artigo tem como objetivo investigar os valores patrimoniais atribuídos à Praça Senador Salgado Filho e abordar as lacunas existentes em seu reconhecimento, destacando sua relevância no contexto da Paisagem Cultural Carioca e do legado de Roberto Burle Marx. A pesquisa foi conduzida por meio de análise documental, a fim de identificar seus atributos culturais e paisagísticos. O logradouro se destaca como um exemplo notável da integração harmoniosa entre cultura e natureza, sendo sua preservação essencial para manter viva a memória histórica, reforçar sua contribuição para a identidade cultural do Brasil e promover a qualidade de vida urbana. Esses aspectos sustentam a importância de esforços contínuos para sua valorização, assegurando seu significado tanto no presente quanto para as futuras gerações.
Palavras-chave: Paisagem Cultural Carioca; Bem paisagístico; Praça Senador Salgado Filho; Valores patrimoniais; Roberto Burle Marx.

THE MARK OF BURLE MARX ON THE CARIOCA LANDSCAPE: ATTRIBUTION OF HERITAGE VALUES TO SENADOR SALGADO FILHO SQUARE/RJ

Abstract: *This article aims to investigate the heritage values attributed to Senator Salgado Filho Square and to address the gaps in its recognition, highlighting its relevance within the context of the Carioca Cultural Landscape and the legacy of Roberto Burle Marx. The research was conducted through documentary analysis, with the purpose of identifying its cultural and landscape attributes. The public space stands out as a notable example of the harmonious integration between culture and nature, and its preservation is essential to keeping historical memory alive, reinforcing its contribution to Brazil's cultural identity, and promoting the quality of urban life. These aspects support the importance of continuous efforts toward its valorization, ensuring its significance both in the present and for future generations.*
Keywords: *Carioca Cultural Landscape; Landscape asset; Senator Salgado Filho Square; Heritage values; Roberto Burle Marx.*

LA HUELLA DE BURLE MARX EN EL PAISAJE CARIOCA: ATRIBUCIÓN DE VALORES PATRIMONIALES A LA PLAZA SENADOR SALGADO FILHO/RJ

Resumen: *El artículo tiene como objetivo investigar los valores patrimoniales atribuidos a la Plaza Senador Salgado Filho y abordar las lagunas existentes en su reconocimiento, destacando su relevancia en el contexto del Paisaje Cultural Carioca y del legado de Roberto Burle Marx. La investigación se llevó a cabo mediante análisis documental, con el fin de identificar sus atributos culturales y paisajísticos. El espacio público se destaca como un ejemplo notable de integración armoniosa entre cultura y naturaleza, siendo su preservación esencial para mantener viva la memoria histórica, reforzar su contribución a la identidad cultural de Brasil y promover la calidad de vida urbana. Estos aspectos sustentan la importancia de esfuerzos continuos para su valorización, asegurando su significado tanto en el presente como para las futuras generaciones.*
Palabras clave: *Paisaje Cultural Carioca; Bien paisajístico; Plaza Senador Salgado Filho; Valores patrimoniales; Roberto Burle Marx.*

1. Doutora em Ciência em Arquitetura; Pós-Doutoranda no Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura – LASC-PROARQ/UFRJ; Coordenadora da ABAP-RJ; Membro do Comitê Científico Internacional de Paisagens Culturais (ISCCL-ICOMOS/IFLA), CIPA Heritage Documentation, Cátedra Unesco de Patrimônio e Paisagem Cultural e ICOMOS Brasil/LAC. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9910-6504. E-mail: alda.azevedo.ferreira@gmail.com.

Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional.

Introdução

Localizada no Centro do Rio de Janeiro, em frente ao Aeroporto Santos Dumont, a Praça Senador Salgado Filho é um exemplo significativo do patrimônio paisagístico brasileiro, projetada pelo paisagista Roberto Burle Marx entre as décadas de 1930 e 1950. Este espaço público destaca-se pela sua concepção inovadora, que reflete a harmoniosa integração entre cultura, arte e natureza. A praça está situada na zona de amortecimento do sítio da Paisagem Cultural Carioca, reconhecido pela UNESCO em 2012 como Patrimônio Mundial na categoria de Paisagem Cultural. Este reconhecimento internacional ressalta a interação única entre a natureza e o ambiente urbano no Rio de Janeiro, reforçando a importância da preservação de seus espaços públicos como parte da memória coletiva da cidade.

A Praça Senador Clóvis Salgado Filho possui tombamento provisório em nível municipal, registrado pelo Decreto nº 30.936 de 5 de agosto de 2009, em conjunto com outros bens de autoria de Roberto Burle Marx no Rio de Janeiro, em reconhecimento à sua obra. Além disso, há um tombamento provisório em nível estadual pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), que data de 20/12/1990, através do processo E-18/001.170/90. Esse processo atribui à praça valor histórico, arquitetônico e cultural, destacando sua importância no conjunto das obras de Burle Marx. (Figura 1 e 2)

Figura 1 - Projeto para a Praça Senador Salgado Filho. Roberto Burle Marx. Fonte: Acervo do Arquivo Técnico da Fundação Parques e Jardins (1954).

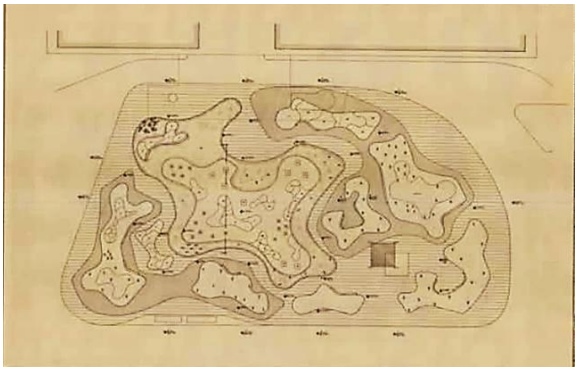

Figura 2 - Localização atual da Praça Senador Salgado Filho. Centro (RJ). Fonte: Google Maps (modificado nas cores pela autora).

A Figura 1 apresenta o projeto original elaborado por Roberto Burle Marx para a Praça Senador Salgado Filho, datado de 1954 e conservado no Acervo da Fundação Parques e Jardins. O desenho revela a estrutura compositiva característica do paisagismo modernista de Burle Marx: formas orgânicas e assimétricas que se distanciam da geometria rígida das praças tradicionais de influência europeia. Observa-se o lago central como elemento focal, destinado às espécies aquáticas, a partir do qual irradiam canteiros sinuosos com massas vegetais de diferentes portes e texturas. Os caminhos curvos distribuem-se pelo espaço convidando à circulação suave e à contemplação. A disposição das manchas de vegetação demonstra o cuidado de Burle Marx com o contraste de cores, volumes e texturas, princípio fundamental de sua linguagem paisagística. O projeto evidencia ainda a

relação espacial entre a praça e o Aeroporto Santos Dumont, revelando como o conjunto paisagístico foi concebido como espaço de acolhimento e transição entre a cidade e o terminal aéreo.

A Praça Senador Salgado Filho reflete a valorização de espécies vegetais nativas e a criação de espaços de convivência que promovem o bem-estar e a conexão com a natureza em meio ao ambiente urbano. No entanto, os processos de tombamento até agora realizados não revelam explicitamente os significados profundos ou os valores patrimoniais completos que a praça realmente abarca, evidenciando a necessidade de uma análise mais detalhada e criteriosa de seus atributos culturais, paisagísticos e históricos.

As transformações ocorridas ao longo dos anos comprometeram parte de sua identidade original, enquanto as políticas de preservação adotadas até o momento ainda não contemplam plenamente a totalidade dos valores históricos, artísticos, paisagísticos e científicos a ela atribuíveis. Isso revela uma lacuna significativa na maneira como o patrimônio da praça é compreendido e protegido, dificultando a formulação de estratégias de conservação eficazes.

Diante dessas modificações e da falta de uma análise aprofundada sobre os múltiplos significados atribuídos à praça, torna-se imprescindível uma investigação detalhada de seus valores patrimoniais e socioculturais. Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla voltada para a formulação de uma política de gestão da conservação dos bens paisagísticos na Paisagem Cultural Carioca, buscando suprir a carência de estudos aprofundados sobre os múltiplos valores, tanto patrimoniais quanto socioculturais, associados a esses bens.

A pesquisa busca integrar esses elementos na construção de uma política de conservação abrangente, que considere a complexidade dos significados e a importância da praça no contexto urbano e histórico. O conceito de patrimônio cultural, que inclui bens materiais e imateriais, reflete a história, as crenças e as identidades de uma sociedade. Esses valores, socialmente construídos, são preservados para que futuras gerações possam compreender o legado cultural e paisagístico de um local.

Nesse contexto, a Praça Senador Salgado Filho não é apenas uma obra representativa de Roberto Burle Marx, mas também um espaço de grande relevância para a memória coletiva e a identidade cultural do Rio de Janeiro. Sua preservação é fundamental para manter viva essa memória, reforçar sua contribuição à identidade cultural brasileira e promover a qualidade de vida urbana.

O artigo de Lia Motta (2023) complementa essa análise ao ampliar o conceito de patrimônio para incluir não apenas bens materiais, mas também os imateriais, compreendendo práticas, tradições e a memória coletiva de uma sociedade. Aplicando essa perspectiva à Praça Senador Salgado Filho, torna-se claro que sua preservação vai além da manutenção de sua estrutura física; envolve também a conservação dos significados culturais e sociais que ela carrega. A praça não é apenas um símbolo do legado de Burle Marx, mas também um local onde a história e as práticas cotidianas dos habitantes do Rio de Janeiro são vividas e celebradas. Conservá-la é, portanto, preservar as interações e os modos de vida que se desenvolvem em seu espaço, garantindo que futuras gerações possam se conectar com esse patrimônio cultural de maneira dinâmica e viva, conforme discutido nos princípios constitucionais explorados por Motta (2023).

Assim, este estudo pretende preencher as lacunas no reconhecimento dos valores patrimoniais da Praça Senador Salgado Filho, destacando sua importância dentro do contexto da Paisagem Cultural Carioca e do legado de Burle Marx. Pretende-se assim contribuir para o desenvolvimento de uma política de conservação que reconheça e valorize a diversidade de significados e valores associados a esse bem paisagístico, assegurando sua preservação para as gerações presentes e futuras.

Material e métodos

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva, com foco na análise interpretativa dos valores patrimoniais da Praça Senador Salgado Filho. O principal método empregado foi a análise documental, que envolveu o exame de fontes primárias e secundárias, incluindo os projetos originais de Roberto Burle Marx, fotografias históricas, publicações da época em que a praça foi projetada e construída, além de estudos prévios sobre o local.

O objetivo central do estudo foi identificar e interpretar os atributos da praça, que destacou valores históricos, artísticos, paisagísticos e científicos. A investigação adotou uma abordagem teórica baseada na atribuição de valores técnicos do patrimônio cultural, buscando ampliar a compreensão dos conceitos de valor, paisagem e patrimônio. Esses valores foram identificados com base em critérios objetivos e documentados, sendo frequentemente definidos por instituições patrimoniais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Brasil, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em contextos internacionais.

A atribuição dos valores segue uma abordagem conceitual e normativa, fundamentada em marcos legais e teóricos que orientam a identificação e proteção de bens culturais e naturais. Esses critérios foram aplicados para assegurar uma análise precisa e abrangente dos significados da praça, tanto no contexto da Paisagem Cultural Carioca quanto no legado de Roberto Burle Marx.

Assim, a pesquisa permitiu uma compreensão aprofundada dos múltiplos significados associados à praça, contribuindo para a identificação de valores fundamentais para a preservação e valorização deste espaço emblemático na cidade do Rio de Janeiro.

Resultados e discussão

Valor histórico

O Valor Histórico é frequentemente vinculado à memória coletiva de uma sociedade e à preservação da identidade nacional. O IPHAN protege bens que testemunham momentos importantes da história do Brasil, desde monumentos coloniais até sítios arqueológicos. Para a UNESCO, o Valor Histórico está relacionado à associação de um bem a eventos, tradições ou períodos importantes da história humana. Este valor reconhece o papel do bem na construção da identidade histórica de um local ou civilização.

O Valor Histórico da Praça Senador Salgado Filho está intrinsecamente relacionado ao contexto do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e às transformações que a cidade passou ao longo do século XX. Projetada durante as décadas de 1930 a 1950, a praça reflete as mudanças políticas, sociais e urbanísticas do Rio, então capital do Brasil. Durante esse período, segundo Abreu (2013), a cidade buscava modernizar-se e adaptar-se às novas demandas de um país em transformação. Sob o governo de Getúlio Vargas, o Brasil experimentou a aceleração da industrialização e a modernização da infraestrutura urbana.

No Rio de Janeiro, conforme Boris Fausto (1999), essa transformação se materializou na construção de novos marcos urbanos, como o Aeroporto Santos Dumont (1936) e a Praça Senador Salgado Filho, que buscavam integrar o Brasil a uma narrativa global de progresso. O paisagismo modernista de Roberto Burle Marx, que rompeu com as tradições europeias ao valorizar as características naturais e culturais locais, foi parte central desse esforço de modernização,

especialmente ao introduzir o uso de espécies nativas em seus projetos, como apontado por Francisco Weffort (1980) em suas análises das transformações culturais e sociais do período.

A construção do Aeroporto Santos Dumont, concebido por Marcelo e Milton Roberto em 1936, e a Praça Senador Salgado Filho, projetada por Roberto Burle Marx entre 1938 e 1951, simbolizam o esforço de modernização urbana do Rio de Janeiro. O aeroporto, o primeiro civil do Brasil, surgiu para atender à crescente demanda de viagens aéreas, especialmente entre as elites, e foi construído na área aterrada da Baía de Guanabara. Os arquitetos adaptaram os princípios do modernismo europeu ao contexto brasileiro, utilizando linhas horizontais, grandes janelas, formas geométricas simples e concreto armado, destacando a funcionalidade e a estética minimalista que rompiam com os estilos mais ornamentados do passado (FERREIRA, 2024b).

O paisagismo modernista brasileiro, assim como a arquitetura, rompeu com as tradições europeias ao valorizar as características naturais e culturais locais. Roberto Burle Marx foi essencial nesse movimento, sendo pioneiro no uso de espécies nativas em seus projetos, conferindo um novo significado à vegetação no espaço urbano. Ele foi responsável por iniciar os projetos paisagísticos do Complexo do Parque do Flamengo, concebido a partir de 1938, que inclui áreas resultantes de aterros do Morro do Castelo e do Morro de Santo Antônio. O Complexo se estende do Aeroporto Santos Dumont até Botafogo, na entrada da Baía de Guanabara (FERREIRA, 2024a).

Em 1938, Burle Marx foi convidado pelo Prefeito Carlos Vital para desenvolver seu primeiro espaço paisagístico público na Cidade do Rio de Janeiro: a Praça Senador Clóvis Salgado Filho, localizada em frente ao Aeroporto Santos Dumont. O projeto foi iniciado nesta época, com consultoria do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, porém só foi efetivamente finalizado e construído numa reforma ocorrida entre 1947 e 1951, que contou com a colaboração do botânico Luiz Emygdio de Mello Filho (Figura 3).

Figura 3 - Praça Senador Salgado Filho (em primeiro plano) e Aeroporto Santos Dumont

Fonte: Autoria desconhecida. Domínio público (Cerca de 1945)

A Figura 3, datada de aproximadamente 1945, registra a relação espacial entre a Praça Senador Salgado Filho, em primeiro plano, e o Aeroporto Santos Dumont ao fundo. A fotografia revela a vegetação ainda em fase de consolidação: massas de arbustos tropicais de diferentes alturas se preparam para criar planos verticais sucessivos que contrastam com a horizontalidade da fachada

modernista do aeroporto. As copas das árvores em crescimento, formarão uma cobertura orgânica que irá suavizar a transição entre o espaço público e o terminal aéreo, concebido pelos irmãos Marcelo e Milton Roberto com linhas horizontais, grandes planos envidraçados e concreto armado, expressão do racionalismo modernista brasileiro. No primeiro plano, mesmo sem estar finalizada, já é possível perceber os canteiros com vegetação e o traçado sinuoso dos caminhos que, em contraste com a geometria do aeroporto ao fundo, demonstra o diálogo compositivo entre o paisagismo orgânico de Burle Marx e a arquitetura modernista. A imagem ilustra como o conjunto, praça e aeroporto, foi concebido de forma integrada, como um cartão-postal da modernidade brasileira nos anos 1940.

A obra de Roberto Burle Marx na Praça Senador Salgado Filho desempenha um papel essencial na construção da memória coletiva e da identidade nacional. De acordo com Maurice Halbwachs (1950), a memória coletiva é formada dentro de grupos sociais e é crucial para a construção de identidades compartilhadas. Nesse contexto, a praça pode ser entendida como um lugar de memória, onde os elementos da cultura brasileira, como a flora nativa e o design modernista, servem a um propósito estético, mas também simbolizam a ascensão do Brasil como uma nação moderna e independente.

Durante o século XX, conforme Ferreira e Salles (2016), o Brasil passou por várias fases de política ambiental, desde a administração de recursos naturais até o controle de poluição e o planejamento territorial. Essas fases refletem o esforço do país em integrar a preservação ambiental ao seu desenvolvimento urbano, um processo que se alinha à trajetória de Burle Marx e sua abordagem inovadora no paisagismo.

A praça, projetada entre as décadas de 1930 e 1950, pode ser vista como um reflexo dessas políticas emergentes de conservação. Ao introduzir espécies nativas e regionalizar o paisagismo urbano, Burle Marx aplicou os princípios de conservação da biodiversidade, que seriam amplamente promovidos pelas políticas ambientais subsequentes. Nesse sentido, a Praça Senador Salgado Filho se torna um marco importante tanto na história do paisagismo brasileiro, como na integração entre conservação ambiental e urbanismo, antecipando a conscientização ambiental que viria a guiar as políticas nacionais. Assim, a praça exemplifica o alinhamento entre desenvolvimento urbano e preservação ambiental, enraizando-se em uma narrativa de modernização ecológica que continua relevante até os dias de hoje.

Sob a perspectiva de William Cronon (1992) e Bruno Latour (1993), a Praça Senador Salgado Filho vai além de um espaço estético, funcionando como artefato cultural e símbolo das aspirações modernistas do Brasil. A utilização de plantas tropicais nativas e o design geométrico e abstrato de Burle Marx representam a tentativa de moldar uma nova identidade nacional. Cronon (1992) argumenta que os ambientes urbano e natural são inseparáveis em sua construção e interpretação, e a praça reflete essa interseção ao conectar natureza e cultura, reforçando a mensagem de progresso e modernidade.

Segundo a ótica de Latour (1993), a praça faz parte de uma rede mais ampla de interações entre o Estado, a sociedade e a natureza. Nesse sentido, os elementos materiais do paisagismo, como vegetação e caminhos, não são apenas detalhes estéticos, mas agentes que moldam as relações sociais e políticas no espaço urbano. A introdução de plantas nativas também pode ser vista como uma resistência simbólica às influências coloniais europeias, promovendo um discurso de autenticidade cultural e reforçando uma identidade nacional modernista.

Além disso, a Praça Senador Salgado Filho pode ser interpretada como um espaço de representação política. Sua localização estratégica, em frente ao Aeroporto Santos Dumont, a torna

um símbolo da modernidade e da inserção do Brasil na esfera global. Segundo René Gertz (1996), os símbolos visuais de modernidade e progresso utilizados por Burle Marx refletem os ideais das elites políticas brasileiras da época, que buscavam legitimar a industrialização e o desenvolvimento do país através de símbolos culturais.

No entanto, Wendy Brown (2015) oferece um importante contraponto, argumentando que os projetos de modernização, como o da Praça Senador Salgado Filho, muitas vezes disfarçam as desigualdades sociais. Embora planejada para ser um espaço democrático e acessível, a praça reflete as relações de poder e o controle social, beneficiando predominantemente as elites urbanas e perpetuando a exclusão das classes mais vulneráveis. Brown (2015) destaca que espaços públicos, sob o pretexto de proporcionar lazer e contato com a natureza, muitas vezes servem como instrumentos de controle social, limitando comportamentos e interações aceitas e, dessa forma, reforçando normas e estruturas que favorecem certos grupos enquanto marginalizam outros.

No caso da praça, o projeto paisagístico de Burle Marx, embora inovador, reforça a visão das elites urbanas que buscavam se alinhar com a estética do progresso e da modernidade. A localização em frente ao aeroporto, um ponto de circulação de elites, simboliza o desejo de projetar o Brasil como uma nação moderna em ascensão, enquanto oculta as desigualdades sociais que permeavam a cidade. Brown argumenta que, embora esses espaços pareçam inclusivos, eles funcionam para reforçar a hegemonia das elites, perpetuando o controle sobre a narrativa de modernização.

Assim, a ideia de uma praça "democrática" é desafiada quando se observa que o acesso a esses espaços não era igualitário. Enquanto as elites urbanas usufruíam da funcionalidade estética da praça, as populações marginalizadas, como os moradores das favelas, não tinham o mesmo nível de acesso aos benefícios desse planejamento urbano moderno.

Dessa forma, a análise da Praça Senador Salgado Filho revela que o valor histórico desse espaço vai muito além de seu design modernista e inovação estética. A praça é, ao mesmo tempo, uma manifestação material das aspirações modernistas brasileiras, um símbolo das interações entre natureza e cultura, e uma expressão das contradições sociais que marcaram o Rio de Janeiro nas décadas de 1930 a 1950. Embora artisticamente significativa e ecologicamente avançada, a praça também reflete as desigualdades sociais e estruturas de poder da época. Conforme Wendy Brown (2015) sugere, os projetos de modernidade, apesar de seu discurso de inclusão e progresso, muitas vezes mascaram as tensões sociais subjacentes, mantendo o controle sobre o acesso ao espaço urbano e reforçando as hierarquias sociais existentes. Assim, a praça deve ser compreendida tanto como um símbolo de inovação quanto como uma representação das dinâmicas de exclusão e controle social que moldaram a vida urbana no século XX.

Valor Artístico

O Valor Artístico, na perspectiva do IPHAN, é reconhecido pela singularidade de obras arquitetônicas, esculturas, pinturas ou qualquer manifestação artística que represente um marco cultural para o Brasil. Esse valor também abrange o trabalho de paisagistas como Roberto Burle Marx, que revolucionou o paisagismo ao transformá-lo em uma forma de arte modernista. Ele introduziu uma estética inovadora que unia a flora nativa brasileira a formas geométricas e abstrações visuais. A UNESCO igualmente reconhece a importância de um bem cultural como expressão significativa de uma civilização, incluindo realizações artísticas e arquitetônicas de excepcional qualidade.

A Praça Senador Salgado Filho, projetada por Burle Marx, exemplifica essa abordagem artística. Ele concebeu a praça como um local onde os viajantes pudessem descansar e relaxar antes ou

depois de seus voos, funcionando como uma espécie de sala de estar ao ar livre. O design foi cuidadosamente planejado para proporcionar conforto, com áreas sombreadas, bancos e caminhos sinuosos que incentivavam uma circulação suave e tranquila. A vegetação tropical nativa escolhida por Burle Marx não apenas oferecia uma atmosfera de tranquilidade, mas também promovia o bem-estar físico e mental.

O espaço foi organizado de modo a integrar formas orgânicas a partir de um ponto focal, um lago para espécies aquáticas, e o contraste entre cores, texturas e vegetação tropical. O uso de mosaico português, os gramados, os canteiros e os grupos de rochas criam uma composição equilibrada, marcando o estilo de Burle Marx como uma fusão entre arte e natureza.

Esses elementos compõem um conjunto paisagístico que articula simultaneamente três dimensões: a flora tropical nativa, a experiência tátil dos materiais e a arquitetura modernista do entorno. A flora selecionada por Burle Marx - palmeiras, árvores e arbustos de folhagem diversa - cria massas de diferentes alturas, cores e texturas que se renovam sazonalmente. O piso em mosaico português, concebido em formas orgânicas, introduz um elemento tátil e visual de grande impacto: a irregularidade das pedras sob os pés contrasta com a suavidade dos gramados e das folhas tropicais, criando uma experiência sensorial que convida o visitante à exploração. Ao fundo, a fachada horizontal do Aeroporto Santos Dumont serve de pano de cena para essa composição orgânica, estabelecendo o diálogo entre a arquitetura racionalista e o paisagismo bioativo (Figura 4).

Figura 4 - Imagem atual da Praça Senador Salgado Filho. Centro (RJ)

Fonte: Alda Ferreira, 2025.

O Valor Artístico da Praça Senador Salgado Filho vai além do paisagismo tradicional, tornando-se uma obra completa que combina natureza, design modernista e cultura brasileira. A multimodalidade, conceito proposto por Gunther Kress (2010), permite expandir essa compreensão

ao evidenciar que o espaço comunica por meio de múltiplos modos de representação. Segundo Kress, a multimodalidade implica que o significado é construído por diferentes modos de comunicação, como a imagem, o som, o movimento e a textura, cada um desempenhando um papel essencial na produção de sentido.

Na praça de Burle Marx, os modos visuais, táteis e espaciais trabalham em conjunto para criar uma experiência rica e multifacetada. As formas orgânicas dos canteiros e caminhos, o contraste entre o mosaico português preto e branco e as plantas tropicais de cores vibrantes, e a disposição assimétrica dos elementos criam um diálogo visual que transcende o paisagismo comum, transmitindo camadas múltiplas de significados. Não apenas visualmente agradável, a praça envolve também os sentidos do tato, através das texturas dos materiais e da vegetação, e da audição, com o som suave da água das fontes e lagos, proporcionando uma imersão sensorial completa.

A multimodalidade de Kress se complementa com a ideia de Jean-Marc Besse (2013), que propõe a paisagem como narrativa, e com a noção de Tim Ingold (2000) de "mundo vivido". Besse sugere que a paisagem comunica significados por meio de seus elementos visuais e simbólicos, como as formas orgânicas e as plantas nativas da Praça Senador Salgado Filho. Por sua vez, Ingold expande essa visão ao afirmar que os espaços são experimentados por todos os sentidos, não apenas pela visão, o que se alinha diretamente com a multimodalidade.

Desta forma, Burle Marx transforma a praça em uma narrativa sensorial que fala da identidade cultural brasileira e da relação do país com sua biodiversidade. As texturas contrastantes, as formas sinuosas e a organização espacial produzem uma experiência multissensorial completa, reforçando a narrativa de brasilidade e modernismo que ele buscava expressar.

No contexto da multimodalidade, Elizabeth Meyer (2008) e James Corner (1999) exploram as noções de performatividade e hibridização dos espaços. Meyer argumenta que o design da paisagem molda ativamente os comportamentos e interações dos usuários. Na Praça Senador Salgado Filho, os caminhos fluidos e as áreas de descanso criam diferentes formas de interação social e sensorial, incentivando a contemplação e a circulação suave.

Para Corner (1999), o espaço público dissolve as barreiras entre o natural e o cultural, o construído e o orgânico, algo exemplificado por Burle Marx ao combinar elementos nativos com formas geométricas abstratas. Isso cria um espaço híbrido que dialoga tanto com as raízes ecológicas do Brasil quanto com a inovação modernista, tornando o espaço uma composição artística completa.

Além de sua abordagem artística, a sustentabilidade e a ecologia desempenham papéis centrais no trabalho de Burle Marx, alinhando-se às ideias de Anne Whiston Spirn (2005). Para Spirn, a paisagem não é apenas uma criação estética, mas uma ferramenta ecológica que deve funcionar como um sistema integrado entre o ambiente natural e o construído, promovendo a sustentabilidade e a resiliência ambiental.

Burle Marx aplicou esse princípio na Praça Senador Salgado Filho ao utilizar plantas nativas que exigiam menos manutenção e eram adaptadas ao clima tropical, criando um microclima equilibrado que melhora a ventilação e reduz a poluição atmosférica. A vegetação nativa desempenha um papel fundamental ao purificar o ar e regular a temperatura, reforçando a resiliência ecológica e proporcionando um espaço sustentável e autorregulado.

Em 1954, Roberto Burle Marx convocou uma conferência "conceitos de composição em paisagismo", onde discutiu sua visão sobre o paisagismo moderno. Ele afirmou que não havia diferença estética entre a pintura e a paisagem construída, apenas os meios de expressão mudavam (BURLE MARX, 1994). Ele dizia que há plantas cujas características essenciais não se revelam senão

quando colocadas em grandes massas; outras, exigem o isolamento. As relações entre as dimensões formas, cores e materiais precisam ser observadas rigorosamente, para que se obtenha os contrastes e harmonias desejadas.

Nesse sentido, Burle Marx foi pioneiro ao criar espaços públicos que respeitavam a natureza, assim como utilizavam sua estética e funcionalidade para educar e sensibilizar as pessoas em relação ao ambiente. O paisagista estabeleceu os conceitos que guiaram os objetivos de sua concepção paisagística, baseada em natureza organizada e subordinada a leis arquitetônicas, e com o objetivo de atender às necessidades sociais a partir de princípios compositivos de higiene, educação e arte (SÁ CARNEIRO, 2005). Ciente das necessidades dos habitantes e da cidade, o paisagista estabeleceu seus princípios fundamentais no início de sua trajetória, e foi enfático ao expressar sua opinião ao "Diario da Tarde", em 14/03/1935:

> Cidade é, segundo Lecorbusier, um utensílio de trabalho. O jardim sendo parte integrante do seu aspecto deve preencher uma funcção. Uma só, não, muitas; **hygienica, educacional e artística**. Um jardim, desde que alcance esses objectivos, localiza o gráo de cultura de um povo. (MARX, 1935). (Grifo nosso).

Esses ideais estavam alinhados ao Movimento Modernista, que promovia a valorização da cultura brasileira e rompia com as tradições europeias. Burle Marx foi influenciado por esse movimento, que começava a se consolidar no Brasil nos anos 1920, e aplicou seus princípios ao paisagismo, combinando referências culturais e a flora nativa como representantes da brasilidade.

O conceito de higiene urbana, profundamente enraizado nas reformas urbanas do início do século XX, visava melhorar as condições de vida nas cidades brasileiras ao combater doenças e promover o bem-estar dos cidadãos. Contudo, à luz da Multimodalidade de Kress (2010), o princípio higiênico de Burle Marx transcende os aspectos visuais, englobando diferentes modos sensoriais para criar uma experiência de bem-estar e saúde pública. Kress argumenta que o significado é construído por meio de múltiplos modos de comunicação, e Burle Marx os utilizou de forma integrada para promover uma experiência saudável e equilibrada.

Na Praça Senador Salgado Filho, os modos visuais, táteis e espaciais contribuem para a criação de um ambiente saudável. As cores vivas das plantas tropicais, a disposição dos caminhos sinuosos, e a integração da luz natural e da sombra promovem uma experiência visual que convida à tranquilidade e à contemplação. A textura dos materiais — como as pedras e os mosaicos portugueses — juntamente com a vegetação, oferece uma experiência tátil que reforça a sensação de proximidade com a natureza, contribuindo para um estado de equilíbrio e bem-estar. Assim, o conceito de higiene de Burle Marx é transmitido de maneira multimodal, onde o visitante experimenta o espaço de forma sensorial e imersiva, promovendo saúde física e mental.

Esse conceito também pode ser expandido através das teorias de Spirn (2005), que defende que os espaços verdes urbanos funcionam como ecologias visíveis e promotores de resiliência ambiental. Para Burle Marx, a higiene não era apenas física, mas também ecológica, refletindo sua preocupação com a sustentabilidade e a saúde ambiental das cidades. Na Praça Senador Salgado Filho, ele utilizou plantas nativas tropicais para criar um microclima equilibrado, melhorando a ventilação e reduzindo a poluição atmosférica, o que beneficia tanto os habitantes quanto o ambiente urbano.

A vegetação nativa desempenha um papel central nesse sistema ecológico, ajudando a purificar o ar e regular a temperatura. A escolha das plantas, além de seu valor estético, contribui para a resiliência ecológica, garantindo que o espaço seja sustentável e autorregulado, um aspecto

valorizado por Spirn. Burle Marx antecipou preocupações contemporâneas com a saúde ambiental e sua abordagem multimodal promove essa mensagem ecológica de maneira eficaz e imersiva.

Além disso, a vegetação da praça atua como uma ferramenta de educação ambiental, outra dimensão multimodal. Burle Marx acreditava que o paisagismo deveria desempenhar um papel educacional, conscientizando as pessoas sobre a importância da natureza e de sua preservação por meio de experiências sensoriais que criam uma conexão emocional com o ambiente. A praça funcionava como um "museu vivo", onde as pessoas podiam aprender sobre a natureza brasileira de maneira lúdica e interativa.

Spirn (2005) ressalta que os espaços paisagísticos podem ser "ecologias visíveis", educando o público sobre processos naturais e a interdependência entre ser humano e meio ambiente. Na Praça Senador Salgado Filho, Burle Marx escolheu espécies nativas raramente vistas em projetos urbanos, como palmeiras e plantas aquáticas, expondo os visitantes à riqueza da flora brasileira. Essa vegetação diversa comunica, além de seu valor estético, uma mensagem de sustentabilidade e resiliência, convidando os usuários a contemplar e valorizar a biodiversidade de forma consciente.

Em seu princípio artístico, Burle Marx uniu a flora nativa brasileira ao design modernista, entendendo a arte como uma força transformadora dos espaços urbanos. Ele concebia seus projetos paisagísticos como obras de arte vivas, onde cada planta, forma e textura contribuía para uma composição dinâmica e em constante evolução. Na Praça Senador Salgado Filho, esse conceito é evidente na forma como as plantas nativas são dispostas de modo funcional e artístico, refletindo tanto a estética modernista quanto a identidade cultural do Brasil.

A Multimodalidade, segundo Gunther Kress (2010), nos ajuda a compreender como Burle Marx conectava os elementos visuais à experiência sensorial completa. O som da água fluindo nas fontes, o toque das folhas e do solo, e o jogo de luz e sombra criam uma experiência que convida à imersão, reforçando a harmonia entre o ambiente natural e o urbano. Essa abordagem sensorial permite uma leitura profunda e emocional do espaço.

Para Burle Marx, a sustentabilidade não era apenas uma questão técnica, mas uma experiência vivida, como defende Anne Spirn (2005). Ao utilizar espécies nativas adaptadas ao clima local, Burle Marx promove a resiliência ecológica do espaço, garantindo que o ambiente se mantenha sustentável ao longo do tempo. Essa abordagem educa os visitantes sobre a importância da biodiversidade e do respeito ao meio ambiente, tornando o paisagismo uma ferramenta de comunicação complexa, que une arte, natureza e educação.

Desta forma, o paisagista celebrava a natureza por meio de seus projetos, além de educar o público sobre sua preservação, convidando os visitantes a experimentar diretamente o que significa viver em harmonia com o meio ambiente. Seu paisagismo tornou-se um dispositivo multimodal de comunicação ecológica, promovendo a democratização da arte e o bem-estar social.

Valor Paisagístico

O valor paisagístico, conforme a prática do IPHAN, refere-se à importância de determinados ambientes naturais e projetados, que têm papel estético e cultural significativo na vida das populações. No contexto de paisagens culturais, a UNESCO reconhece a importância de interações entre pessoas e meio ambiente, evidenciando como a atividade humana pode moldar, transformar ou conservar a paisagem de maneiras sustentáveis e culturalmente significativas. Esse valor também é associado a questões estéticas e ecológicas, como no caso dos "sítios mistos", que possuem valor tanto natural quanto cultural.

De modo mais amplo, o valor paisagístico engloba dimensões estéticas, ecológicas, culturais e sociais. A dimensão estética está relacionada à apreciação das formas, cores, texturas e composição dos elementos naturais e construídos em um espaço. Já na dimensão ecológica, conforme discutido por Anne Spirn (2014), o valor paisagístico envolve o papel da paisagem na conservação da biodiversidade, na regulação do clima e na saúde dos ecossistemas, enfatizando a integração das paisagens como sistemas vivos. A dimensão cultural abrange o significado histórico, simbólico ou emocional que uma paisagem pode ter para uma comunidade, sendo um reflexo de sua identidade e práticas sociais, como evidenciado por Kathryn Ross (2012). Por fim, a dimensão social envolve o impacto da paisagem no bem-estar humano, promovendo relaxamento, interação social e saúde mental, como reflete Jules Pretty (2007).

Na Praça Senador Salgado Filho, o valor paisagístico pode ser visto na interação entre espécies vegetais nativas e o ambiente urbano, conectando a natureza com o espaço construído e contribuindo para a resiliência ecológica e o microclima do local. Burle Marx, em sua concepção do espaço, priorizou o uso de plantas aquáticas e tropicais que foram trazidas de biomas brasileiros, como o Bioma da Mata Atlântica, o que não só diversificou a flora da praça, mas também mitigou os impactos ambientais do entorno, como a poluição sonora e atmosférica.

Esteticamente, a praça é uma composição visual rica em contrastes entre a vegetação nativa e as formas orgânicas modernistas. Anne Spirn (2014), em sua visão sobre a paisagem como uma "linguagem viva", propõe que os elementos naturais e construídos de um projeto paisagístico são como palavras que se combinam para contar histórias e expressar significados. No caso da Praça Senador Salgado Filho, as plantas aquáticas, espelhos d'água e espécies tropicais são parte de uma narrativa estética que conecta o modernismo de Burle Marx às raízes ecológicas e culturais do Brasil. Esse diálogo entre arte, natureza e *design* modernista reflete um ideal de beleza visual, assim como um discurso simbólico que celebra a identidade nacional através da flora nativa.

A integração de espécies pouco utilizadas em paisagismo urbano, como o *Anacardium occidentale* (cajueiro) e a *Eugenia uniflora* (pitangueira), vai além do valor visual. Esses elementos criam uma experiência multissensorial, fornecendo cores, texturas, perfumes e frutos que interagem com o ambiente urbano, reafirmando a visão de Burle Marx de uma paisagem que ultrapassa a mera contemplação para engajar profundamente com os sentidos humanos. Ao envolver a percepção sensorial, a praça se torna um espaço que, conforme Kathryn Ross (2012), promove a conexão emocional e o senso de pertencimento. A experiência estética, portanto, não é apenas visual, mas tátil e olfativa, enriquecendo o ambiente de maneira que facilita o engajamento emocional dos visitantes.

A vegetação presente na praça contribui para a redução da poluição sonora e atmosférica, além de proporcionar sombra e áreas de resfriamento, diminuindo ilhas de calor geradas pelo entorno urbano denso e o tráfego do aeroporto. Diversas espécies selecionadas para a Praça Senador Salgado Filho foram trazidas de expedição para o Espírito Santo. Dos 69 vegetais especificados - entre plantas aquáticas, herbáceas, arbustos, palmeiras e arbóreas - grande parte foi de ocorrência no Bioma da Mata Atlântica, que foram compostas com outros de diferentes biomas, algumas das quais usadas pela primeira no paisagismo da cidade carioca.

Desta forma, a Praça Senador Salgado Filho, com suas espécies nativas e aquáticas, exemplifica o conceito de "paisagismo funcional" ao criar um microclima favorável, reduzir o calor urbano e promover a biodiversidade em um ambiente densamente urbanizado. Além disso, a inserção de frutíferas e plantas adaptadas ao clima local reflete o compromisso de Burle Marx com a

funcionalidade do paisagismo, que, segundo o artigo de Alencar e Cardoso (2015), deve atender a demandas ecológicas, alimentícias e sociais.

A dimensão ecológica do valor paisagístico é central para entender o impacto ambiental positivo da Praça Senador Salgado Filho. Como enfatiza Charles Waldheim (2006) em sua defesa do urbanismo paisagístico, a paisagem funciona como uma infraestrutura viva, onde sistemas ecológicos e urbanos se sobrepõem para criar ambientes resilientes e sustentáveis. A escolha de Burle Marx de integrar espécies da Mata Atlântica e outras plantas nativas em seu projeto paisagístico foi uma decisão inovadora para o que se fazia até então na cidade do Rio de Janeiro, que antecipou práticas contemporâneas de sustentabilidade urbana. Essas plantas além de decorar o espaço, desempenham funções ecológicas críticas, como a purificação do ar, a mitigação do calor urbano e a criação de microclimas favoráveis.

Essa abordagem se alinha ao conceito de ecologia da paisagem de Jean-Paul Metzger (2001), que analisa a paisagem como um mosaico de ecossistemas interligados. A Praça Senador Salgado Filho pode ser vista como um fragmento ecológico dentro de um ambiente urbano denso, criando uma rede de conectividade ecológica que favorece o fluxo de espécies e a manutenção da biodiversidade. A introdução de espelhos d'água, por exemplo, serve a propósitos estéticos, ajuda a conservar a umidade do solo e a criar habitats urbanos para pequenos organismos, contribuindo para a sustentabilidade e a resiliência ambiental em longo prazo.

A presença central do grande espelho d'água colabora para a estética da praça, e desempenha um papel na manutenção da umidade do solo e na promoção de pequenos ecossistemas urbanos, favorecendo a biodiversidade em um contexto que seria tipicamente inóspito, por se tratar de um solo aterrado e sujeito à alta salinidade. De acordo com os princípios da ecologia da paisagem, essa integração entre os elementos artificiais e naturais favorece a conectividade ecológica entre os diferentes fragmentos de vegetação presentes na área da Praça Senador Salgado Filho e da zona portuária, garantindo fluxos e interações ambientais essenciais à sustentabilidade do espaço.

O conceito de serviços ecossistêmicos, discutido por Jules Pretty (2007), também é relevante aqui, bem como a interconexão entre o meio ambiente e a saúde humana, tanto física quanto mental, e como o reconhecimento desses serviços pode promover práticas mais sustentáveis de convivência com a natureza. A praça fornece benefícios ambientais diretos, assim como a redução da poluição atmosférica e sonora, mas também contribui para a saúde física e mental dos moradores ao proporcionar espaços verdes que melhoram a qualidade de vida. Isso exemplifica como o paisagismo pode ser uma ferramenta para a criação de infraestrutura verde, promovendo a regeneração urbana e o bem-estar humano ao mesmo tempo.

O valor paisagístico da Praça Senador Salgado Filho não se limita às suas funções ecológicas e estéticas. Há uma dimensão cultural e social igualmente importante. Kathryn Ross (2012) argumenta que a relação das pessoas com os espaços verdes urbanos é fundamental para a criação de um senso de comunidade e bem-estar. A praça, com seus caminhos orgânicos e áreas de convivência, foi projetada para promover momentos de relaxamento e interação social, algo que impacta diretamente a saúde mental e o bem-estar emocional dos usuários. A vegetação, ao criar um microclima fresco e sombrio, reduz o estresse associado ao ambiente urbano quente e agitado, contribuindo para um ambiente de acolhimento e pertencimento.

A acessibilidade emocional, conceito trabalhado por Duarte e Cohen (2018), refere-se à capacidade de um espaço público de proporcionar um ambiente confortável e seguro para as pessoas. Na Praça Senador Salgado Filho, Burle Marx aplicou esses princípios ao criar uma ambiência que convida os visitantes a interagir sensorialmente com a natureza, criando laços emocionais com

o espaço. A conexão emocional gerada por esses elementos é central para o valor paisagístico da praça, promovendo interações sociais espontâneas e reforçando a sensação de pertencimento.

Os percursos sinuosos e caminhos de convivência da Praça Senador Salgado Filho foram projetados para promover uma circulação fluida, mas também para incentivar momentos de relaxamento e conexão com a paisagem, mesmo em um ambiente urbano agitado. Essa configuração facilita a interação social e cria um sentimento de acolhimento, contribuindo para a qualidade de vida. A vegetação, elemento central nas obras de Burle Marx, utiliza espécies nativas e tropicais que oferecem ricas experiências sensoriais, ajudando a reduzir o estresse e criando um microclima agradável, com sombras e frescor que suavizam o calor da cidade.

O valor paisagístico da Praça Senador Salgado Filho deve ser compreendido como um sistema multifacetado, onde as dimensões estética, ecológica, social e cultural se entrelaçam para criar um espaço que além de embelezar a cidade, promove a sustentabilidade e o bem-estar humano. A concepção de Burle Marx, ao integrar natureza e urbanidade de forma inovadora, torna-se um exemplo poderoso de como o urbanismo paisagístico, defendido por autores como Charles Waldheim (2006) e Anne Spirn (2014), pode responder às demandas contemporâneas de sustentabilidade ecológica e resiliência urbana. A praça, enquanto fragmento ecológico e espaço público acessível, exemplifica como a arquitetura paisagística pode funcionar simultaneamente como uma infraestrutura verde, promovendo serviços ecossistêmicos, bem-estar emocional e integração social.

O legado de Burle Marx, nesse sentido, vai além de seu valor estético e artístico. Ele contribui para a criação de espaços que facilitam a coexistência entre natureza e cidade, oferecendo uma resposta aos desafios do urbanismo contemporâneo e reafirmando o papel da paisagem como um elemento essencial na construção de cidades mais saudáveis, resilientes e socialmente inclusivas.

Valor Científico

O Valor Científico à luz das políticas do IPHAN, é reconhecido pelo papel do paisagismo como uma ciência aplicada à conservação da natureza e ao desenho de espaços urbanos. Sob a ótica da UNESCO, o valor científico da praça também pode ser associado à sua contribuição para o desenvolvimento de novos paradigmas no manejo de espécies vegetais em áreas urbanas.

A atribuição do valor científico à Praça Senador Salgado Filho, com base na vegetação especificada no projeto original de 1953, reflete o profundo conhecimento botânico de Roberto Burle Marx e sua equipe, destacando o pioneirismo na inserção de flora nativa e regional em um contexto urbano. A colaboração do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, segundo Dourado (2009), teve grande importância para o aprimoramento do olhar de Burle Marx, que além da questão estético-cultural, passa a considerar também a científica, desde os projetos realizados a partir dos anos 1940. Na praça, a escolha das espécies, muitas delas nativas do Brasil, promoveu a valorização da biodiversidade em um espaço público, tornando-se um marco para a conservação e o estudo das interações ecológicas em ambientes urbanos.

De acordo a planta original de 1953 [2], o lago central foi projetado como uma mostra de plantas aquáticas nativas, onde foram especificadas a *Canna indica* var. *rubra* Aiton (cana-da-índia), *Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby (Vitória-régia), *Montrichardia linifera* (Arruda) Schott (aninga), *Sesbania exasperata* (Kunth) Pittier (crotalária), *Thalia dealbata* Fraser (tália-de-flores-roxas), *Nelumbo nucifera* Gaertn. (flor-de-lotus), *Nymphaea ampla* (Salisb.) DC. (lírio-aquático), *Nymphaea odorata* Aiton (ninfeia-rosa), *Nymphaea nouchali* var. *caerulea* (Savigny) Verdc (lótus-azul), *Pontederia cordata* L.

[2] Nomes científicos foram atualizados através do site https://reflora.jbrj.gov.br.

(aguapé), *Rhynchanthera grandiflora* (Aubl.) DC (flor-de-cuaresma), *Eryngium elegans* Cham. & Schltdl. (caraguatá), *Ludwigia peruviana* (L.) H.Hara (salvínia), *Xanthosoma striatipes* (Kunth & C.D.Bouché) Madison (orelha-de-elefante listrada), *Pityrogramma trifoliata* (L.) RM Tryon, *Nymphaea capensis* Thunb. var. *zanzibariensis* (Casp.)Conard (lírio-d'água-azul), *Nymphaea rudgeana* G.Mey. (aguapé-da-meia-noite), *Pontederia burle-marxii* Mell Barr., *Echinodorus macrophyllus* (Kunth) Micheli (chapéu-de-couro), *Cyperus papyrus* L. (papiro), *Limnocharis flava* (L.) Buchenau. (mureré), *Sagittaria pugioniformis* var. *montevidensis* (Cham. & Schltdl.) Kuntze (flecha-d'água), *Pontederia* L., *Cyperus giganteus* Vahl (papiro), *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms (jacinto-de-água), *Eleocharis fistulosa* Schult., *Thalia geniculata* L. (arumarana), *Equisetum ramosissimum* Desf. (cavalinha-ramificada) (DOURADO, 2009).

Foram também especificados grupos de *Socratea exorrhiza* (Mart.) H.Wendl (palmeira-andante), *Beaucarnea recurvata* Lem. (pata-de-elefante), *Allagoptera arenaria* (Gomes) Kuntze (guriri), *Schinus molle* L. (aroeira-salso), *Philodendron giganteum* Schott (imbé-gigante), *Philodendron melinonii* Brongn. ex Regel (philodendro-da-Amazônia), *Philodendron bipinnatifidum* Schott (guaimbê), *Philodendron undulatum* Engl. (filodendro-ondulado), *Vellozia candida* J.C.Mikan, *Cyrtopodium andersonii* (Lamb. ex Andrews) R.Br.(orquídea-cipó), *Peperomia incana* (Haw.) Hook. (peperômia-de-folhas-felpudas) , *Clusia fluminensis* Planch. & Triana (clusia), *Tibouchina holosericea* Baill. (quaresmeira-de-jardim), *Selaginella convoluta* (Arn.) Spring (jericó), *Anthurium coriaceum* (Graham) G.Don, *Epidendrum saxatile* Lindl., *Sinningia speciosa* (Lodd.) Hiern (gloxínia), *Pitcairnia flammea* var. *corcovadensis* (Wawra) L.B.Sm.(pitcaírnia-flamea-da-região-do-Corcovado), *Barbacenia purpúrea* Hook., *Pteris pedata* L., *Stillingia dichotoma* Müll.Arg., *Paspalum notatum* Flüggé (grama-batatais), *Caladium bicolor* (Aiton) Vent. (tinhorão), *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart. (macaúba), *Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br. (salsa-da-praia), *Eugenia uniflora* L. (pitangueira), *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (jerivá), *Anacardium occidentale* L. (cajueiro), *Acrocomia intumescens* Drude (macaíba), *Dietes iridioides* (L.) Sweet ex Klatt (moréia), *Dietes bicolor (Steud.)* Klatt ex Sweet. (moréia bicolor), *Hemerocallis flava (L.) L.* (lírio-amarelo), *Hemerocallis fulva* var. kwanso Regel (lírio-de-um-dia), *Ipomoea carnea* subsp. *fistulosa* (Mart. ex Choisy) (algodão-bravo), *Gynerium sagittatum* (Aubl.) P.Beauv. (cana-flecha), *Senna bicapsularis* (L.) Roxb. (canudo-de-pito), *Euterpe oleracea* Mart. (açaí), *Couroupita guianensis* Aubl (abricó-de-macaco), *Libidibia ferrea* (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz (pau-ferro), *Poincianella pluviosa* var. *peltophoroides* (Benth.)L.P.Queiroz (sibipiruna), *Caesalpinia peltophoroides* Benth. (sibipiruna), *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.var.*rosea* (quaresmeira-rosa) (DOURADO, 2009).

Embora o discurso sobre a praça sugira que ela seja um mostruário de espécies nativas, observa-se que várias delas, principalmente as aquáticas, são exóticas, ainda que já ocorram no Brasil devido à sua introdução ou cultivo, como *Nymphaea ampla, Nymphaea odorata, Nelumbo nucifera, Nymphaea capensis*, e *Nymphaea nouchali var. caerulea.* Essa mistura de espécies nativas e exóticas indica que o projeto paisagístico não se baseou exclusivamente na valorização da flora local, mas priorizou uma lógica ornamental ou estética, favorecendo plantas já adaptadas ao Brasil, mesmo que exóticas.

Essa flexibilidade no uso do conceito de "natividade" sugere que o paisagismo na praça pode estar mais relacionado às "plantas que ocorrem" no país, independentemente de sua origem, do que à promoção estrita da flora nativa. Nesse contexto, espécies exóticas estabelecidas no Brasil foram integradas de maneira funcional e estética, sem uma adesão rígida ao conceito de plantas autóctones.

No lago central da praça, a inclusão de plantas aquáticas como *Canna indica var. rubra, Victoria amazonica, Thalia dealbata,* e *Montrichardia linifera* trouxe um caráter estético, além de criar um espaço experimental para o estudo das interações dessas plantas com ambientes artificiais. Elas não só contribuíram para a criação de um micro-habitat que sustenta diversas formas de vida, como insetos, aves e pequenos animais, mas também ajudaram na purificação natural da água. Plantas como *Cyperus papyrus* e *Echinodorus macrophyllus* absorvem nutrientes e ajudam a manter o equilíbrio do oxigênio no lago, controlando a proliferação de algas.

Nas áreas adjacentes ao lago, a presença de plantas terrestres como *Iriartea exorrhiza*, *Schinus molle*, *Diplothemium maritimum*, e *Philodendron giganteum* desempenha um papel fundamental na sustentabilidade do ambiente. Suas folhas e galhos enriquecem o solo com matéria orgânica à medida que se decompõem, auxiliando na retenção de umidade e criando um microclima fresco e úmido. Essa retenção de umidade, aliada à melhoria da qualidade do solo, favorece o crescimento de outras plantas, promovendo a biodiversidade e fortalecendo a resiliência ecológica da área ao redor do lago. Assim, o projeto paisagístico contribui para a sustentabilidade e a saúde do ecossistema, estabelecendo um equilíbrio entre funcionalidade e estética.

Salienta-se que a escolha de plantas aquáticas para um lago artificial em ambientes costeiros, sujeitos a solo aterrado e ventos de alta salinidade, exige um planejamento cuidadoso para garantir a sustentabilidade do ecossistema. Espécies como *Thalia dealbata, Nymphaea capensis var. zanzibariensis e Eichhornia crassipes* são mais tolerantes à salinidade, o que as torna adequadas para essas condições desafiadoras, enquanto outras podem necessitar de cuidados adicionais. Além da salinidade, os ventos fortes comuns em áreas costeiras podem danificar plantas mais delicadas, exigindo a seleção de espécies com estruturas robustas e raízes profundas, como *Echinodorus macrophyllus*. A profundidade do lago também é um fator decisivo, já que plantas como *Nymphaea capensis* var. *zanzibariensis* e *Victoria amazonica* precisam de áreas mais profundas, enquanto *Cyperus papyrus e Eleocharis fistulosa* se desenvolvem melhor em águas rasas. Outro aspecto importante é a qualidade do solo aterrado, que pode exigir suplementação de nutrientes para suportar o desenvolvimento das plantas.

Os conjuntos de palmeiras como *Syagrus romanzoffiana, Acrocomia intumescens e Euterpe oleracea* oferecem uma combinação de benefícios ecológicos, estéticos e funcionais, promovendo a sustentabilidade em espaços urbanos e naturais. Além de estruturarem o ambiente de forma harmoniosa e marcante, essas palmeiras são importantes fontes de alimento para a fauna local, com seus frutos atraindo aves, mamíferos e insetos. Suas copas e troncos também proporcionam refúgio para diversas espécies, criando habitats que favorecem o aumento da biodiversidade e a preservação da vida silvestre em áreas urbanas.

O uso inovador de espécies no paisagismo da Praça Senador Salgado Filho evidencia o compromisso de Burle Marx com a divulgação científica e a sensibilização ecológica. Suas escolhas refletem um profundo conhecimento técnico sobre a ecologia das plantas e sua adaptação ao ambiente urbano, especialmente em um clima tropical úmido. A praça funciona como uma vitrine da biodiversidade brasileira, demonstrando o potencial do paisagismo para educar o público e promover a conservação de espécies nativas. A inclusão de espécies autóctones, muitas vezes desconhecidas pela ciência, vai além do valor ornamental, representando uma importante contribuição para a preservação da flora local e o reconhecimento da biodiversidade brasileira, como no caso da *Pontederia burle-marxii*.

A discriminação de plantas endêmicas como a *Pitcairnia corcovadensis* reforça o valor científico da praça, promovendo a flora nativa do Rio de Janeiro e destacando seu papel educativo e de

conservação ambiental. A colaboração de Burle Marx com botânicos renomados, como Henrique Lahmeyer de Mello Barreto e Luiz Emygdio de Mello Filho, foi crucial para garantir que as espécies fossem adequadas às condições locais, transformando a praça em um laboratório vivo para o estudo de espécies raras e endêmicas, além de preservar a diversidade genética.

Espécies como a *Clusia fluminensis*, nativa da Restinga do Bioma da Mata Atlântica, ilustram a relevância da escolha de plantas adaptadas ao ambiente urbano. Capaz de fixar o solo e resistir a condições adversas, como solos compactados e baixa fertilidade, a *Clusia fluminensis* contribui para a revitalização de áreas verdes e controle da erosão. Farah (2021) destaca como o uso de plantas nativas transforma esses espaços em "laboratórios vivos", fortalecendo a resiliência ambiental e a sustentabilidade.

Além disso, o uso de frutíferas como *Anacardium occidentale e Eugenia uniflora* reflete uma abordagem que vai além da estética, promovendo a sustentabilidade e os serviços ecossistêmicos. Conforme Silva et al. (2022), a presença de espécies nativas em jardins históricos, como a praça, promove a biodiversidade e fortalece os serviços ecossistêmicos, como a purificação do ar e a regulação climática. Essas espécies criam micro-habitat, atraem fauna, e contribuem para a biodiversidade urbana. Como ressaltam Araújo e Pires (2009), as plantas fornecem sombra e alimento, promovendo a preservação da flora nativa e variabilidade genética.

Além do valor ecológico, as frutíferas desempenham um papel educacional, conectando as pessoas ao meio ambiente e promovendo a conscientização sobre a importância da flora nativa. Como apontam Menegaes e Backes (2021), essas espécies possuem propriedades bioativas que agregam benefícios psicológicos e multifuncionais ao paisagismo, criando espaços que favorecem o bem-estar humano e preservam a biodiversidade, que conecta as pessoas ao meio ambiente. A praça, assim, se torna uma valiosa coleção botânica, conforme destaca Farah (2021), oferecendo oportunidades para estudos científicos e para a educação ambiental. Desta forma, Burle Marx antecipou conceitos que hoje são amplamente reconhecidos, como o impacto positivo desses espaços na saúde mental e no bem-estar humano, ao criar áreas que integram o homem à natureza de forma harmônica.

Conjuntos de Arbóreas, como a *Couroupita guianensis, Libidibia ferrea, Poincianella pluviosa* var. *peltophoroides , Tibouchina granulosa* var. *rosea,* são fundamentais para a criação de sombra e o controle das ilhas de calor urbanas, além de melhorarem o microclima e a qualidade ambiental por meio da absorção de poluentes atmosféricos. Segundo Pinheiro e Souza (2017), as árvores desempenham um papel crucial na redução da temperatura através da sombra que proporcionam e do processo de transpiração, que resfria o ar ao redor. Além disso, destaca-se sua capacidade de absorver poluentes atmosféricos e reduzir a poluição sonora, o que também se aplica à Praça Senador Salgado Filho, dada sua proximidade com o Aeroporto Santos Dumont e áreas de tráfego intenso.

O conceito de serviços ecossistêmicos culturais, discutido por Jules Pretty (2003) e Pivoto et al. (2022), pode ser explorado como forma de atribuir valor científico à praça. Ao criar espaços de lazer, contemplação e aprendizado, o design da praça fortalece esses serviços ecossistêmicos, ao mesmo tempo em que amplia sua importância para a pesquisa científica e a educação ambiental.

Portanto, o valor científico da Praça Senador Salgado Filho é consolidado pela integração entre ciência botânica, inovação paisagística, e compromisso com a preservação e educação ambiental. O projeto não só enaltece a beleza das espécies nativas, mas também promove sua conservação e estudo, demonstrando como a arte e a ciência se unem para criar espaços públicos que celebram a biodiversidade e o conhecimento técnico no contexto do patrimônio cultural.

Considerações finais

A análise dos valores patrimoniais da Praça Senador Salgado Filho revela que o reconhecimento de seus atributos culturais, arquitetônicos e paisagísticos, bem como o destaque dado à obra de Burle Marx no processo de tombamento, são insuficientes para abarcar a profundidade e complexidade de sua concepção paisagística, que vai muito além da questão estética. A praça incorpora não apenas valores históricos e artísticos, mas também ecológicos e científicos, sendo um exemplo de inovação no uso da biodiversidade e dos princípios do paisagismo bioativo. Esses aspectos tornam a praça um símbolo da modernização do Rio de Janeiro e da valorização da flora nativa, e um marco na transformação urbana e paisagística da cidade.

Sob as diretrizes da UNESCO e do IPHAN, a praça é reconhecida como um elemento da zona de amortecimento da Paisagem Cultural Carioca, Patrimônio Mundial, o que exige estratégias de conservação que protejam tanto sua integridade física quanto seus significados intangíveis. Além de sua função estética, a praça funciona como um laboratório vivo, onde espécies nativas e exóticas interagem, promovendo a resiliência ecológica e proporcionando serviços ecossistêmicos essenciais, como a regulação climática, purificação do ar, e a criação de micro-habitat para a fauna urbana. A obra de Burle Marx, que integra arte, ciência, meio ambiente e urbanismo, destaca-se também pela capacidade de gerar bem-estar humano por meio da interação entre pessoas e natureza, reforçando o conceito de paisagismo bioativo, no qual a vegetação não apenas embeleza, mas também promove benefícios psicológicos e ecológicos.

Assim, a gestão da conservação da Praça Senador Salgado Filho deve ir além da preservação física, abarcando também seus valores intangíveis. A praça, além de ser um espaço de convivência e interação social, desempenha um papel fundamental como elemento vital para a promoção da qualidade de vida urbana e da sustentabilidade ambiental. Sua preservação é imprescindível para manter viva a memória histórica e cultural do Rio de Janeiro e garantir que continue a ser um importante espaço de educação ambiental, pesquisa científica e interação com a natureza. Esses fatores reforçam a necessidade de esforços contínuos para sua valorização e proteção, assegurando que seu legado ecológico, científico e cultural seja apreciado pelas gerações presentes e futuras.

Agradecimentos

Este estudo é financiado pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 26003/014816/2023 APQ1, bem como, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 400724/2023-5 - PROGRAMA DE APOIO À FIXAÇÃO DE JOVENS DOUTORES NO BRASIL no estado do Rio de Janeiro/RJ – FAPERJ.

Agradecimentos ao Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro, pela supervisão nessa pesquisa, e ao Geoppol, pelo acolhimento.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida (1987). Evolução urbana do Rio de Janeiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
ALENCAR, L.; CARDOSO, J. Paisagismo funcional: O uso de projetos que integram mais que ornamentação. Revista Ciência, Tecnologia e Ambiente. Vol. 1, No. 1, 1-7 (2015). Disponível em:< https://www.researchgate.net/publication/330634242_Paisagismo_funcional_o_uso_de_projetos_que_integram_mais_que_ornamentacao> Acesso em: 20/10/2024.
ARAÚJO, R.; PIRES, L. Opções de frutíferas do cerrado para paisagismo urbano em bairros da periferia de Goiânia-GO. Revista Caatinga. v.22, n.4, 2009. Disponível em:< https://periodicos.ufersa.edu.br/caatinga/article/view/1467> Acesso em: 18/10/2024.
BESSE, Jean-Marc (2013). La nécessité du paysage. Paris: Éditions de l'imprimeur, 2013.
BROWN, Wendy (2015). Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015.
BURLE MARX, Roberto (1994). Conceitos de composição em paisagismo. BURLE MARX, R.; TABACOW, J. Arte e paisagem: conferências escolhidas. São Paulo: Perspectiva, 1994.
BURLE MARX, Roberto (1936). O jardim da Casa Forte. Diario da Manhã. 10/05/1936. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional.
BURLE MARX, Roberto (1999). Praça Santos Dumont. In: Revista Municipal de Engenharia. Jan/dez, 1999, pp. 11.
CORNER, James (1999). Recovering Landscape: Essays in Contemporary Landscape Architecture. New York: Princeton Architectural Press, 1999.
CRONON, William (1992). Nature's Metropolis: Chicago and the Great West. New York: W. W. Norton & Company, 1992.
DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. Acessibilidade Emocional. In: VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído / VIII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral. Anais... Fortaleza, 2018. Disponível em: < https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/acessibilidade-emocional-27866> Acesso em 01/07/2024.
FAUSTO, Boris (1999). História do Brasil. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1999.
FARAH, Ivete. A vegetação como acervo botânico no Parque do Flamengo, Rio de Janeiro. Paisagem e Ambiente, 32(48), e182156. https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.182156. Disponível em:< https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/182156> Acesso em: 19/10/2024.
FERREIRA, Alda de Azevedo (2024b). A Praça Senador Salgado Filho e os princípios projetuais de Roberto Burle Marx na modernização do Rio De Janeiro. In: FERREIRA, Jilton et al (Orgs.) Diálogos das humanidades: escritos sobre áreas do conhecimento humano, vol 3. São Paulo: Uiclap, 2024b, pp. 363-385.
FERREIRA, Alda A. ;FERREIRA, Jilton (2024a). Paisagens da modernidade: poder, memória e identidade na Praça Senador Salgado Filho. In: FERREIRA, Alda A.;FERREIRA, Jilton. Paisagem e ambiência: cultura, ambiente, percepção. São Paulo: Uiclap, 2024a. pp. 308-337.
FERREIRA, M.; SALLES, A. Política ambiental brasileira: análise histórico-institucionalista das principais abordagens estratégicas. Revista de Economia, v. 43, n. 2 (ano 40), mai./ago. 2016. https://doi.org/10.5380/re.v42i2.54001.Disponível em:< https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/54001/33016> Acesso em: 20/10/2024.
FLEMING, Lawrence (1996). Roberto Burle Marx: um retrato. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1996.
GERTZ, René E. (1996). Cultura política e autoritarismo: Brasil e Alemanha, 1930-1945. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
HALBWACHS, Maurice (1950). La mémoire collective. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
INGOLD, Tim (2000). The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. London: Routledge, 2000.
KRESS, Gunther (2010). Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication. London: Routledge, 2010.

LATOUR, Bruno (1993). We Have Never Been Modern. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
MELLO FILHO, Luiz Emygdio. Burle Marx, uma relação profissional e humana. Revista de Municipal Engenharia. 1999, pp.28-31.
MENEGAES, J.; BACKES, F. Plantas bioativas para uso no paisagismo. Revista Eletrônica Científica da UERGS. 7(1), 41–49. https://doi.org/10.21674/2448-0479.71.41-49. Disponível em: < https://revista.uergs.edu.br/index.php/revuergs/article/view/2975/508> Acesso em: 19/10/2024.
METZGER, Jean-Paul. "O que é ecologia de paisagens?" Biota Neotropica, vol. 1, no. 1, 2001, pp. 1-9. https://doi.org/10.1590/S1676-06032001000100006.Disponível em:< https://www.scielo.br/j/bn/a/Jbchd6rjY35PGkY5BHPz63S/#> Acesso em: 03/08/2024.
MEYER, Elizabeth K. (2008). Sustaining Beauty: The Performance of Appearance. Journal of Landscape Architecture, vol. 98, 2008.
MOTTA, Lia. A conquista do conceito de patrimônio cultural na Constituição de 1988. Anais do Museu Paulista. vol. 31, 2023, p. 1-37. https://doi.org/10.1590/1982-02672023v31e7. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/anaismp/a/hcqBsHFnHcckK84VHTQN7CH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20/10/2024.
PINHEIRO, C.; SOUZA, D. A importância da arborização nas cidades e sua influência no microclima. Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental, 6(1), 67-82. https://doi.org/10.19177/rgsa.v6e1201767-82. Disponível em:< https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/4179> Acesso em: 20/10/2024.
PIVOTO, A.; RAIMUNDO, S.; LIMA, R. ALVES, A. Serviços Ecossistêmicos Culturais em Áreas Protegidas: uma revisão da literatura. CULTUR. v. 16 n. 1. abr. 2022. https://doi.org/10.36113/cultur.v16i1.3270. Disponível em: < https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/3270> Acesso em: 19/10/2024.
PRETTY, Jules (2007). The Earth Only Endures: On Reconnecting with Nature and Our Place in It. London: Earthscan, 2007.
ROSS, Kathryn (2012). Feeling for the Common Good: The Nature of Human Connection to Place. Routledge, 2012.
SÁ CARNEIRO, Ana Rita; PONTUAL, Virgínia (Org.) (2005). História e paisagem: ensaios urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Bargaço, 2005.
SILVA, A.; SILVA, J.; DUARTE, M.; MUZQUIZ, E.; ONOFRE, S. Bosque Cuauhtémoc: revelando valores e definindo diretrizes para a conservação de um jardim histórico em Morélia, México. Paisagem e Ambiente. v. 33 n. 50 (2022). https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2022.185544. Disponível em:< https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/185544> Acesso em: 19/10/2024.
SPIRN, Anne Whiston (2014). Ecological Urbanism: A Framework for the Design of Resilient Cities. Proceedings of the Resilient Cities Congress, Bonn, Germany, 2014.
SPIRN, Anne Whiston (2005). The Language of Landscape. New Haven: Yale University Press, 2005.